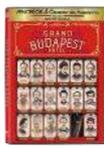




JÁ NAS
BANCAS
**VISÃO
JÚNIOR
VERDE**
€1,60 (CONT.)



1.º DVD DE 4
**GRAND
BUDAPEST HOTEL**
+ CAIXA ARQUIVADORA
GRÁTIS
APENAS €5,95 (CONT.)



4.ª TEMPORADA
4.º DVD
**GUERRA
DOS
TRONOS**
€5,95 (CONT.)



**ALIMENTOS QUE PODEM
SALVAR A SUA VIDA**

3.º LIVRO – PEÇA NA BANCA

VENDA EXCLUSIVA EM PACK
REVISTA + LIVRO = €4,50

www.visao.sapo.pt • N.º 1158 • 14 a 20 de maio de 2015
Continente e ilhas: € 3,00 • Semanal



VISÃO

EDIÇÃO VERDE • ESPECIAL PARA GUARDAR

ATÉ QUANDO VAMOS TER PRAIAS DESTAS?

Como está a mudar o nosso litoral.
Riscos, desafios e soluções

A dança das areias
na Figueira da Foz
e na Caparica

Adeus à beleza
de D. Ana

A guerra das
demolições na
ria Formosa



Praia da Ribeira do Cavalo, Arrábida

25

**PRAIAS QUE
É PRECISO
PRESERVAR**

Último esforço para salvar a Barreira de Coral
LUÍS RIBEIRO • ENVIADO ESPECIAL À AUSTRÁLIA

GRANDE BARREIRA DE CORAL

A ÚLTIMA OPORTUNIDADE

Daqui a um mês, a UNESCO decide se inclui a Grande Barreira de Coral na lista de Património Mundial em Perigo, e Portugal pode ter um papel determinante nessa decisão, com potenciais implicações no turismo (e no amor-próprio) da Austrália. A convite do governo de Camberra, a VISÃO foi conhecer as ameaças ao recife, os interesses económicos da região e o que está a ser feito para salvar uma das maiores riquezas naturais da Terra – que nas derradeiras três décadas perdeu metade dos seus corais

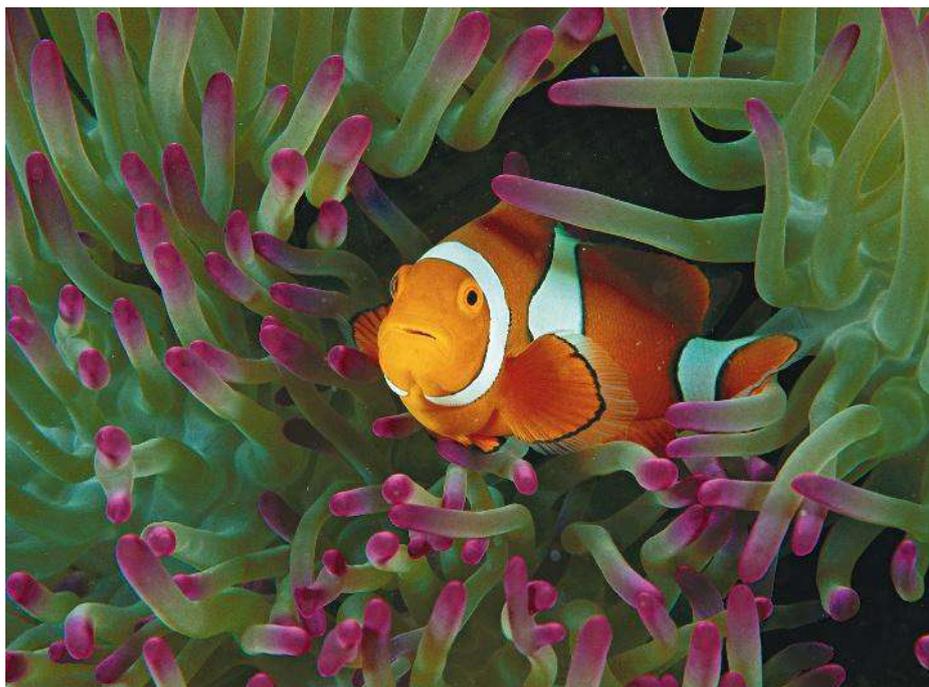
POR LUÍS RIBEIRO, NA AUSTRÁLIA



A Grande Barreira de Coral, um ecossistema visível do espaço dentro de uma área protegida praticamente quatro vezes maior que Portugal, é uma das mais espetaculares e importantes manifestações naturais do mundo. E o primeiro europeu a vê-la terá sido um português – Cristóvão de Mendonça, em 1522

Quando nadamos entre os pólipos coloridos e ondulantes de um recife de coral com 20 milhões de anos é o passado que vemos, mas é no futuro que pensamos. Até quando continuará por aqui o maior organismo do planeta? Outros 20 milhões de anos? 20 mil? Vinte? É certo que os corais que rodeiam a pequena Ilha de Lady Elliot, a 80 quilômetros da costa do estado de Queensland, no nordeste australiano, aparentam farta vitalidade: minúsculos mas vistosos peixes serpenteiam lado a lado com grandes tartarugas marinhas e gigantes mantas, que flutuam com elegância perto da superfície; rente ao fundo, tubarões-de-ponta-branca com metro e meio de comprimento varrem com o ventre as areias que intercalam os corais. Mas este paraíso subaquático não reflete o real estado da Grande Barreira de Coral, que tem sido dizimada nas últimas décadas. Em 27 anos (entre 1985 e 2012), desapareceu metade da cobertura de corais, sobretudo na zona sul. Com o sumiço deste ecossistema, englobado numa área protegida quase quatro vezes maior que Portugal, esfumam-se os animais que nele, e dele, vivem. A preocupação não é de somenos – o recife e as suas 900 ilhas são casa ou local de procriação para 1600 espécies de peixes (10% de todas as espécies do mundo), seis das sete espécies de tartarugas marinhas, 3 mil moluscos, 215 espécies de aves e 30 de baleias e golfinhos.

Várias associações ambientalistas, encabeçadas pela WWF e pela Greenpeace, têm alertado com crescente veemência para a degradação da barreira, considerada, desde 1981, Património Mundial pela UNESCO. E os seus argumentos persuadiram este organismo das Nações Unidas a reavaliar o estado do maior recife de coral – e uma das mais espetaculares manifestações da natureza – do planeta. No final de junho, na cidade alemã de Bona, um comité de 21 países vai decidir se a Grande Barreira de Coral passa a constar da lista de sítios «em perigo». Portugal é um desses países e, por isso, no início deste ano, fez parte do périplo do ministro do Ambiente australiano, Greg Hunt, para convencer os membros do comité que o recife se encontra em boas mãos. O esforço tem razão de ser. Além da riqueza metafórica, está em causa outra bem tangível: os corais ao largo de Queensland atraem quase dois milhões de turistas por ano, o que se traduz em receitas superiores a 4 mil milhões de euros e entre 60 e 70 mil empregos. O governo de Camberra receia perder boa parte desse mercado se a UNESCO emitir uma recomendação para que as pessoas não visitem o recife. Um resultado negativo no exame do próximo mês representa ainda uma certa humilhação ▶



EXAME A UM ORGANISMO DOENTE

1

O caso

A Grande Barreira de Coral é uma área protegida com 345 mil quilómetros quadrados (quase quatro vezes maior que Portugal), composta por milhares de milhões de pólipos. Neste ecossistema visível do espaço vivem ou procriam 1600 espécies de peixes, 215 de aves, seis de tartarugas e 30 de baleias e golfinhos.

2

O diagnóstico

De 1985 a 2012, metade da cobertura de coral desapareceu. A região sul foi, de longe, a mais afetada. Em junho, um comité da UNESCO, que lhe atribuiu em 1981 o estatuto de Património Mundial, vai decidir se inclui o recife na lista de locais «em perigo», o que põe em causa o turismo na região.

3

Os vírus

Entre 4 e 12 milhões da estrela-do-mar coroa-de-espinhos, que se alimenta de pólipos, tem ajudado a dizimar a barreira. Por outro lado, as emissões crescentes de dióxido de carbono aumentam a temperatura e a acidificação dos oceanos, provocando o chamado branqueamento dos corais.



A vida que alberga vida

A barreira de coral australiana, a maior estrutura viva do planeta, serve de casa a milhares de espécies. O seu desaparecimento seria uma gigantesca catástrofe ambiental

4

A doença principal

Os ciclones são responsáveis por 48% da cobertura de coral desaparecida nas últimas três décadas – sobretudo devido a uma frequência anormal de tempestades de categorias 4 e 5. Estes fenómenos extremos podem ser já consequência das alterações climáticas, e têm tendência a piorar.

5

As defesas naturais

Um ecossistema saudável é mais resiliente. Se a qualidade da água for boa, os corais recuperam melhor. Afinal, sempre houve ciclones, e a Grande Barreira de Coral continua viva. Abalada, mas viva. Em relação à praga que a afeta, o predador solitário da coroa-de-espinhos é o búzio tritão.

6

O tratamento

É essencial diminuir a quantidade de nutrientes que chegam ao mar, vindos dos campos agrícolas, e que provocam a praga da coroa-de-espinhos. A única forma de impedir o aumento da acidificação da água e eventualmente da frequência de ciclones é reduzir as emissões globais de dióxido de carbono.

7

Os efeitos secundários

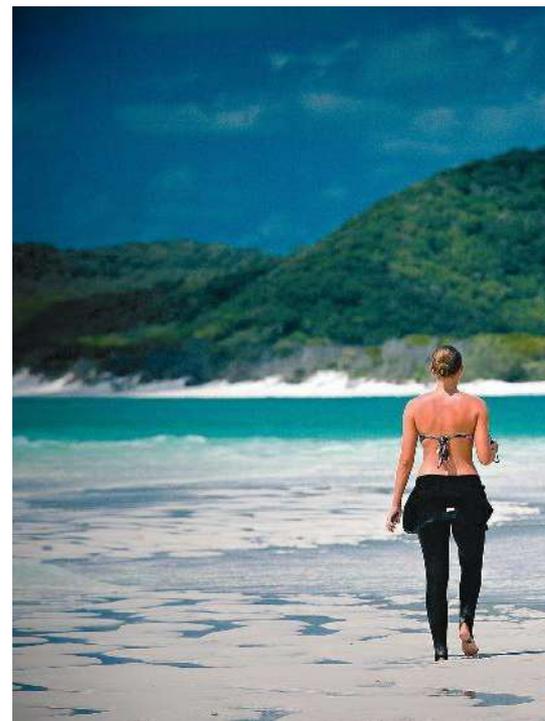
As reduções previstas para 2025 de 80% no uso de fertilizantes será um desafio para os agricultores. Se a saúde dos corais continuar a definhar, ou se a UNESCO decidir atribuir o estatuto de Património Mundial em Perigo, outros setores da economia local sofrerão restrições – sobretudo o turismo.

8

O prognóstico

Difícil de fazer. O Plano de Sustentabilidade delineado pela Austrália, que aloca o equivalente a 140 milhões de euros por ano para proteger a barreira, é ambicioso. A curto prazo, poderá estancar a sangria. Mas os efeitos das alterações climáticas serão muito mais complicados de combater.

CORBIS



- diplomática – o planeta a acusar a Austrália de não ser capaz de cuidar do património inigualável que lhe deu para guardar. E será que é?

Como conciliar o inconciliável?

A distância torna tudo simples. Ou simplista. Vista de Portugal, a 18 mil quilómetros de distância, a Grande Barreira de Coral é uma dádiva que tem de ser protegida a todo o custo. Doa a quem doar. Mas as respostas não são tão cristalinas quando nos aproximamos. Como explicar às famílias de agricultores de terceira geração que não podem continuar a viver da cana-de-açúcar porque os fertilizantes vão ter ao mar e alimentam uma estrela-do-mar que come corais? Como dizer aos aborígenes que têm de parar de pescar nas águas que banham as suas terras, como os seus antepassados sempre fizeram desde há oito mil anos? Como justificar aos operadores turísticos que é altura de procurarem outra atividade? Como mandar para o desemprego milhares de mineiros e criadores de gado, porque os navios que lhes escoam os produtos não deviam passar pela barreira de coral? Numa frase: como conciliar o inconciliável? «Há múltiplos interesses nesta região. Não há maus de um lado e bons do outro», resume Gordon de Brouwer, presidente do Departamento do Ambiente (o equivalente australiano à Agência Portuguesa do Ambiente).

Entre o festival de cores da barreira de coral, não há espaço para posições a preto e branco. Mas a decadência do recife não é uma questão de opinião. Nem as fontes dessa decadência. «Segundo os nossos estudos, 10% do desaparecimento dos co-

O destino mais cobiçado

A Grande Barreira de Coral é visitada por cerca de dois milhões de pessoas por ano, o que suporta mais de 60 mil empregos e corresponde a receitas superiores a quatro milhões de euros. Se a UNESCO decidir atribuir-lhe a condição de «em perigo», o turismo local será afetado

rais deve-se ao branqueamento [morte pela acidificação e pelo aumento da temperatura da água], 42% à praga da [estrela-do-mar] coroa-de-espinhos e 48% às tempestades», resume John Gunn, biólogo marinho e diretor-executivo do Instituto Australiano de Ciência Marinha. Poder-se-ia pensar que, a ser assim, é a Natureza que está a destruir a Grande Barreira de Coral. Acontece que a proliferação de coroas-de-espinhos se deve ao azoto empregado em milhares de hectares de terras agrícolas de Queensland, e que acaba arrastado pelos rios; a acidificação dos oceanos é provocada pelo aumento do dióxido de carbono na atmosfera, em grande parte absorvido pela água, fazendo baixar o seu pH (afetando a absorção de carbonato de cálcio por parte dos corais e enfraquecendo a formação das suas estruturas rígidas, num fenómeno com paralelo na osteoporose); e o maior número de tempestades tropicais de graus 4 e 5 é presumivelmente resultante da subida da temperatura, ligada à emissão de gases com efeito de estufa.

Confirmando-se dedo humano na destruição dos corais, maior se torna a responsabilidade da Austrália. Nos últimos meses, foi notório um aumento da pressão



Ilha de Lady Elliot

Os corais que rodeiam esta pequena ilha com menos de meio quilómetro quadrado, situada no extremo sul do recife, são um oásis de vitalidade raro nesta zona – ciclones de categoria 4 e 5 têm assolado a região, deixando os pólipos em péssimo estado



O paraíso

A praia de Whitehaven, com as suas areias alvas e finas enquadradas pelo azul turquesa do mar, é considerada por muitos uma das mais belas do mundo, e serve muitas vezes de postal da beleza da Austrália. Não terá sido por acaso que o primeiro-ministro Tony Abbott escolheu este arquipélago, as Ilhas de Whitsunday, para apresentar o Plano de Sustentabilidade a Longo Prazo Recife 2050



FOTOS: PATRICK HAMILTON/DFAT

sobre os governos federal e estadual. De um lado, organizações ambientalistas. Do outro, setores com interesses económicos na região. Uma guerra de extremos.

O plano de salvação

A 10 de março, a WWF e a Sociedade Australiana de Conservação Marinha emitiram um comunicado a exigir a proibição de despejar no mar sedimentos resultantes das dragagens para expandir os portos da região, temendo que essas areias fossem arrastadas pelas correntes para a zona dos corais. As associações conservacionistas pediam ainda ao governo australiano que

evitasse «dragagens desnecessárias», minimizasse «o impacto de dragagens de manutenção» e avançasse com investimentos e legislação para melhorar a qualidade da água. O documento tinha como título *Banir o despejo [de sedimentos] pode fazer oscilar a UNESCO no estatuto da Grande Barreira de Coral*. Onze dias depois, num pacto interpartidário inédito e com o apoio da maioria dos setores que de alguma forma se cruzam com a barreira de coral, os conservadores do governo federal e os trabalhistas do governo de Queensland contra-atacaram, apresentando uma proposta conjunta – o *Plano de Sustentabilidade a Longo Prazo Recife 2050* – que, em teoria, inclui tudo o que era solicitado pelas associações: a proibição de descarregar sedimentos na área classificada, a limitação de dragagens ao estritamente necessário, e apenas em quatro portos, e a alocação de uma média de 200 milhões de dólares (140 milhões de euros) por ano, durante os próximos dez anos, para proteger o recife e incentivar a transição para melhores práticas agrícolas, com o objetivo de reduzir para 20% a aplicação de azoto até 2025, e assim melhorar a qualidade da água. A WWF deu aval às medidas, embora tenha considerado insuficiente o investimento anual de 200 milhões de dólares. Já a Greenpeace foi bem menos indulgente: a exigência dos seus ativistas passa agora pela interdição completa da exploração mineira e exportação de carvão através dos portos de Queensland, recordando que os hidrocarbonetos são os maiores responsáveis pelas alterações climáticas (e, logo, pelo aumento da temperatura e acidificação das águas) e aludindo à possi-



‘[A barreira de coral] Já era um tema difícil de gerir muito antes da chegada do homem branco’

‘Há milhares de anos que 72 grupos tribais vivem do recife. É por isso que quase tudo o que se decide aqui tem de implicar acordos com essas comunidades’

DUANE FRASER, Representante dos Proprietários Tradicionais – os grupos aborígenes da região

‘Os sedimentos que largámos no mar, fora da zona de corais, são monitorizados permanentemente, e não se estão a mover’

‘Gastamos 2,1 a 2,8 milhões de euros em dragagens de manutenção dos portos e dos canais. Fazer a deposição desses sedimentos em terra será duas a três vezes mais caro’

CRAIG DOYLE, Diretor-executivo do Porto de Gladstone, o maior de Queensland e o quarto maior porto de exportação de carvão do mundo

bilidade de acidentes com navios de grande porte na área. Não seria inédito. Há cinco anos, o cargueiro chinês *Sheng Neng 1*, com 65 mil toneladas de carvão, encalhou no recife, ao desviar-se do corredor que lhe fora destinado, libertando combustível e destruindo 50 hectares de coral. O caso encontra-se ainda em tribunal, com o governo australiano a processar o armador e o comandante da embarcação.

Um problema chamado carvão

As alterações climáticas estão longe de ser um problema de raiz local, pelo que foram deixadas de fora do plano de defesa do recife – a Austrália contribui com pouco mais de 1% para o total mundial de emissões de gases com efeito de estufa. Por outro lado, a exploração prevista de nove

▶ grandes minas na Bacia da Galileia, no interior de Queensland, deverá gerar carvão suficiente para duplicar as emissões, ainda que seja quase tudo destinado à exportação. «Estima-se que, só na Índia, a procura de carvão triplique até 2040. O mundo precisa de toda a energia que conseguir», defende Michael Roche, presidente do Conselho dos Recursos de Queensland. O representante dos industriais da extração de hidrocarbonetos acrescenta que o valor das exportações que saem dos portos da região ronda os 28 mil milhões de euro, e que um terço disso vem das minas Australianas. «Não causamos efeitos negativos na barreira de coral. Podemos não ser tão bons nas redes sociais como a Greenpeace e a WWF, mas pelo menos não usamos mentiras científicas», assegura Michael Roche. Também não contam a verdade toda, conhecendo-se o papel do carvão e do petróleo no aquecimento global – indubitavelmente a maior ameaça de longo prazo.

Mas a realidade é que, descontado o acidente com o cargueiro *Sheng Neng 1*, não há consequências diretas do comércio marinho na barreira de coral, apesar de esta ser atravessada todos os dias por 40 a 50 navios. A maior inquietação são as dragagens. «Os sedimentos que largámos no mar, fora da zona dos corais, são monitorizados permanentemente, e não se estão a mover», garante, contudo, Craig Doyle, diretor-executivo do Porto de Gladstone, o maior de Queensland e o quarto maior cais de exportação de carvão do mundo. De qualquer modo, a deposição nas águas do Pacífico tem os dias contados: de acordo com o *Plano de Sustentabilidade*, os sedimentos terão de passar a ser depositados num local mais remoto, a 500 quilómetros da costa (o que torna o processo duas a três vezes mais caro).

Andrew Skeat, diretor-geral de Operações da Autoridade do Parque Marinho da Grande Barreira de Coral (a agência que gere e protege a área protegida), realça os três degraus da política de proteção do recife: «Evitar impactos, mitigá-los e compensar em 150% o que sobra.» Por exemplo, para evitar potenciais danos, «as dragagens são efetuadas apenas entre março e junho, quando o coral não está a florir». O responsável admite, porém, que não é fácil encontrar medidas de compensação. A emissão de gases com efeito de estufa pode ser equilibrada pela plantação



FOTOS: PATRICK HAMILTON/DAT

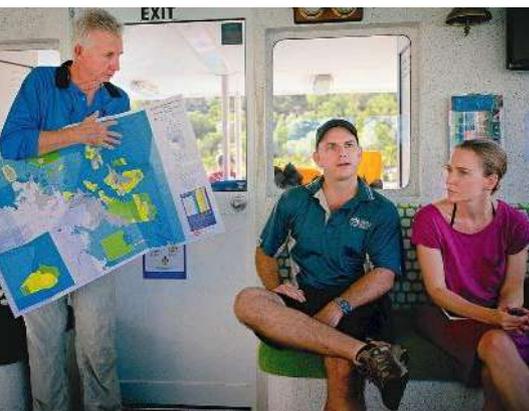
Quando o mar é afetado pela terra

A saúde dos corais depende em grande parte das práticas agrícolas – os fertilizantes acabam arrastados para o mar. Joe Linton (na foto de baixo) é um dos agricultores que adotou técnicas mais sustentáveis. «Faz sentido económico, porque poupamos nos químicos», diz. «E se falharmos, se a barreira de coral for seriamente danificada, esperam-nos restrições muito maiores»

de árvores, que transformam o dióxido de carbono em oxigénio. Mas como se calcula a compensação devida pela destruição de corais?

O assassino de corais

As tempestades são o principal fator de desequilíbrio dos corais. E não há nada que se possa fazer para as evitar. O aumento de 2 a 4 graus centígrados da temperatura até 2100, aliás, deverá aumentar ainda mais a frequência e intensidade de fenómenos extremos como estes. «Não é possível evitar os ciclones», lembra Russel Reichelt, presidente da Autoridade do Parque Marinho da Grande Barreira de Coral. «Mas, desde que o ecossistema esteja saudável, os corais recuperam.»



Osguardiães

O diretor de Operações da Autoridade do Parque Marinho do Recife, Andrew Skeat (em cima), recorre a um mapa para explicar as medidas de proteção dos corais. Em baixo, vigilantes da Autoridade para a Segurança Marítima Australiana monitorizam a passagem de navios na zona

Esse é o busílis: o ecossistema não está saudável. Entre quatro e 12 milhões da estrela-do-mar coroa-de-espinhos (com apenas um predador natural – uma espécie de búzio) têm ajudado a dizimar os corais. Apesar da ajuda de centenas de voluntários, que tentam matar estes animais injetando-lhes substâncias que lhes são tóxicas (como saliva de vaca), a única forma de realmente combater a praga é cortar-lhe uma parte substancial do alimento: os nutrientes arrastados pelos rios que atravessam as quintas – não é coincidência a morte de corais afligir incomparavelmente menos o norte do que o sul, onde se concentra a atividade agrícola. É por isso que a principal batalha para salvar o coral acontece longe do mar.

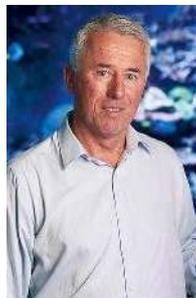
No meio de uma herdade de cana-de-açúcar, debaixo de um telheiro que torna ainda mais abafado o calor húmido da época, Joe Linton mostra o equipamento inovador que, jura, vai ajudar a salvar o Recife: maquinaria pesada, controlada por GPS, que distribui os fertilizantes de uma forma muito mais seletiva. «Estes métodos reduzem em mais de 20% a quantidade de químicos

utilizados. Eu passei de 180 quilos de azoto por ano, por hectare, para 130», ilustra aquele que é um dos membros mais ativos do projeto Agricultores Guardiães do Recife – organização que tenta sensibilizar os lavradores de Queensland a adotarem métodos sustentáveis. O agricultor aponta duas razões pragmáticas para a mudança. «Faz sentido económico, porque poupamos nos produtos. E se falharmos, se a barreira de coral for seriamente danificada, esperamos restrições legais muito maiores.»

De acordo com Dan Galligan, até à semana passada diretor-executivo da Federação de Agricultores de Queensland, a mudança no setor, que vale 14 mil milhões de dólares australianos (10 mil milhões de euros), é estrutural. «Desde meados de 2000, 49% dos produtores de cana-de-açúcar, 30% dos criadores de gado e 59% dos horticultores mudaram práticas agrícolas de modo a reduzir fertilizantes e pesticidas. Entre 2009 e 2012, o uso de pesticidas baixou 28% e o de azoto 10 por cento.» Estes números são uma fração do estipulado pelo *Plano de Sustentabilidade*, que impõe uma descida de 80% do uso de nutrientes na terra.

Turismo, a segunda vítima

A complexidade da Grande Barreira de Coral, com todos os interesses que envolve, não é de agora. «Já era um tema difícil de gerir muito antes da chegada do homem branco», frisa Duane Fraser, representante dos Proprietários Tradicionais (aborígenes). Historicamente, há 72 grupos tribais que vivem do Recife. Ainda hoje, algumas comunidades têm autorização para capturar determinadas espécies protegidas, de forma tradicional. Mas a pesca ilegal é ou-



‘Estima-se que, só na Índia, a procura de carvão triplique até 2040. O mundo precisa de toda a energia que conseguir’
‘Não causamos efeitos negativos na barreira de coral. Podemos não ser tão bons nas redes sociais como a Greenpeace e a WWF, mas pelo menos não usamos mentiras científicas’

MICHAEL ROCHE, presidente do Conselho dos Recursos de Queensland, uma associação dos industriais da extração de petróleo, gás e carvão

‘Dez por cento do desaparecimento dos corais deve-se ao branqueamento, 42% à praga da [estrela-do-mar] coroa-de-espinhos e 48% às tempestades’

‘Nos últimos três anos, notámos uma recuperação da cobertura de coral’

JOHN GUNN, diretor-executivo do Instituto Australiano de Ciência Marinha

tra situação que preocupa as autoridades, pelo que parte dos 200 milhões de dólares anuais do *Plano de Sustentabilidade* reverte para ações de fiscalização.

Por ironia, o setor que provavelmente menos influência negativa tem na barreira de coral é o que mais perde com uma hipotética decisão da UNESCO de a incluir na lista de património em perigo: o turismo. Apesar dos números avassaladores de visitantes, 90% ficam-se por 1% da área protegida (e as empresas turísticas ainda pagam 7,8 dólares – 5,5 euros – por cada um, para compensar a pegada ecológica). Por exemplo, só sete das 74 ilhas do arquipélago de Whitsunday, que recebe mais de um terço dos turistas que passam férias na barreira de coral, possuem *resorts*. As restantes 67 estão desertas, incluindo a maior de todas, ►

► onde se encontra a famosa e fotogénica praia de Whitehaven, considerada uma das mais belas do mundo e que serve de postal do turismo australiano.

Foi precisamente a ilha de Hamilton, a mais habitada deste arquipélago, que o primeiro-ministro australiano Tony Abbott escolheu para apresentar ao mundo o *Plano de Sustentabilidade a Longo Prazo Recife 2050*, ladeado pelo ministro do Ambiente do governo federal, Greg Hunt (ver entrevista na página 90) e pelo ministro do Ambiente do governo de Queensland, Steven Miles. O objetivo passou claramente por transmitir à comunidade internacional uma imagem de unidade no caminho para resgatar a Grande Barreira de Coral, independentemente das diferentes filiações partidárias.

Recuperação. Temporária?

Greg Hunt, que cresceu a nadar nas águas do recife, durante as férias de verão, afiança ter consciência do que está em causa. «Se só houvesse três locais considerados

O predador

A coroa-de-espinhos, uma das maiores estrelas-do-mar do mundo, é um feroz exterminador de corais



FOTOS: PATRICK HAMILTON/DFAT

Património Mundial, a Grande Barreira de Coral seria um deles, juntamente com os Himalaias e o Grand Canyon», arrisca o ministro do Ambiente. «Conhecemos as nossas responsabilidades e o que está em causa, mas posso garantir que as coisas estão efetivamente diferentes. Fomos muito além do que nos pediram. O delegado português no comité da UNESCO [que há um ano proferiu declarações críticas sobre o papel da Austrália na defesa dos corais] disse-me mesmo que tínhamos feito progressos espantosos.»

O seu homólogo estadual mostra-se até agradado com o exame de junho. «Damos as boas-vindas ao escrutínio do mundo», diz Steven Miles. «O governo [de Queensland] anterior só se preocupou em convencer a UNESCO que não há um problema. Nós assumimos que existe e estamos a tentar resolvê-lo.» De certa forma, o *Plano de Sustentabilidade* só foi possível porque o Partido Conservador, contra as expectativas, perdeu as eleições. E o recife poderá ter sido decisivo para a reviravolta. «Nos inquéritos de opinião, havia mais gente



*‘Damos as boas-vindas ao escrutínio do mundo’
‘O governo [de Queensland] anterior só se preocupou em convencer a UNESCO que não há um problema. Nós assumimos que existe e estamos a tentar resolvê-lo’*

STEVEN MILES, ministro estadual do Ambiente

*‘Todos os dias, há 40 a 50 navios a atravessar a barreira de coral, carregados com carvão, gás, gado e açúcar’
‘Não é possível evitar os ciclones. Mas, desde que o ecossistema esteja saudável, os corais recuperam’*

RUSSEL REICHELT, presidente da Autoridade do Parque Marinho da Grande Barreira de Coral, a agência que gere e protege a área classificada

a considerar mais importante a barreira de coral do que financiar escolas e hospitais», comenta o ministro do Ambiente de Queensland.

O projeto veio acompanhado de boas notícias no terreno, ainda que alheias ao programa político. «Nos últimos três anos, notámos uma recuperação da cobertura de coral», afirma John Gunn, do Instituto Australiano de Ciência Marinha, atribuindo este facto à relativa acalmia recente dos ciclones. Mas a bonança não veio para ficar, sabendo-se dos efeitos das alterações climáticas. Consiga ou não convencer a UNESCO que é capaz de cuidar do recife, a Austrália, com este plano, não está mais que a aplicar um bálsamo provisório. Falta perceber se o resto do planeta está disposto a cortar nas emissões a tempo de salvar os corais – ou se, num futuro próximo, a Grande Barreira será apenas passado. ▣

Veja em www.visao.sapo.pt mais fotos da Grande Barreira de Coral